

CÔA **Visão**₂₁
Economia,
Ciência e Cultura

CÔAVISÃO 21**COORDENAÇÃO**

José Manuel Costa Ribeiro
António N. Sá Coixão

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa
Praça do Município
5150-642 Vila Nova de Foz Côa

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tipografia Lobão, Lda.
Almada

DEPÓSITO LEGAL

121116/98

ISSN

2183-234X

TIRAGEM

750 exemplares

CAPA

O Douro e o Pocinho
Fotografia de José Ribeiro

DATA DE EDIÇÃO

Maio de 2019

PERIODICIDADE

Anual

ÍNDICE

PREFÁCIO 5

INTRODUÇÃO
Os Coordenadores 7

ECONOMIA

A importância da amêndoa no concelho de Foz Côa
Agnelo Marques 11

Amendoeira, a amêndoa e a saga do rebusco
Fernando Fachada 15

Festival do Vinho do Douro Superior
João Geirinhas 19

Candidatura da Comunidade Intermunicipal das Beiras e Serra da Estrela, da Província de Salamanca e de Foz Côa a Capital Europeia da Cultura - 2027
José Ribeiro e Rui Campos 15

Relatório dos trabalhos arqueológicos em Castanheiro do Vento/2018
João Muralha 25

A transição para uma Nova Ordem Política em Vila Nova de Foz Côa
Aires Diniz 33

Cardina I – Salto do Boi: cinco metros de arquivo da ocupação paleolítica no Vale do Côa
Thierry Aubry 47

A Mineração no concelho de Vila Nova de Foz Côa
Sandra Naldinho e António A. R. Trabulo 59

CIÊNCIA

Cabralismo e Maria da Fonte (1842 – 1851) na área do concelho de Vila Nova de Foz Côa
António Coixão 91

A primeira travessia aérea entre Portugal e o Brasil analisada no Notícias de Pinhel por um jornalista com origens fozcoenses
José Lima Garcia 99

Qualidade da governação local em Portugal
João Paulo Donas Botto Sousa... 115

Vinte Anos de Património da Humanidade das Gravuras do Côa
Martinho Batista 123

Apresentação do livro de contos de Bernardino Henriques
Carlos Abreu 131

Bernardino Henriques, Quase Findado, poemário, Fóios, Grupo Cultural e Recreativo dos Fóios, 2016
Carlos Abreu 135

Nascimento e consolidação do Estado Novo – os soldados da revolução – a legião e o seu combate
António Coixão 137

Almendra, uma freguesia, dois concelhos
João Afonso 143

O Conjunto Escultórico do SIAC3, em Vila Nova de Foz Côa
Rui Campos 145

Portefólio
Rui Campos 163

CIÊNCIA

CULTURA

Relatório dos trabalhos arqueológicos em Castanheiro do Vento/2018

João Muralha, Ana Vale, Sérgio Gomes, Vítor Oliveira Jorge¹

o. Introdução

Decorreu durante o mês de Julho de 2018, mais uma campanha de escavações no sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Estes trabalhos inserem-se no âmbito do Projecto de Investigação Plurianual de Arqueologia “ArqueoDouro II-Dos sítios e das Paisagens”, contando com o apoio voluntário de estudantes² das Faculdades de Letras das Universidades de Coimbra e Porto e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, assim como de universidades do Reino Unido. As fontes de financiamento distribuem-se pela Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, Junta de Freguesia de Freixo de Numão e Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão, e por parcerias estrangeiras; Associação Grampus Heritage & Training financiada pelo programa Erasmus + do Reino Unido. Ao abrigo desta parceria visitaram o sítio Mark Graham, Frank Giecco e Joanne Stamper da estrutura administrativa da Grampus para se inteirarem da formação de campo dos estudantes de arqueologia que se encontrem a estudar em universidades britânicas.

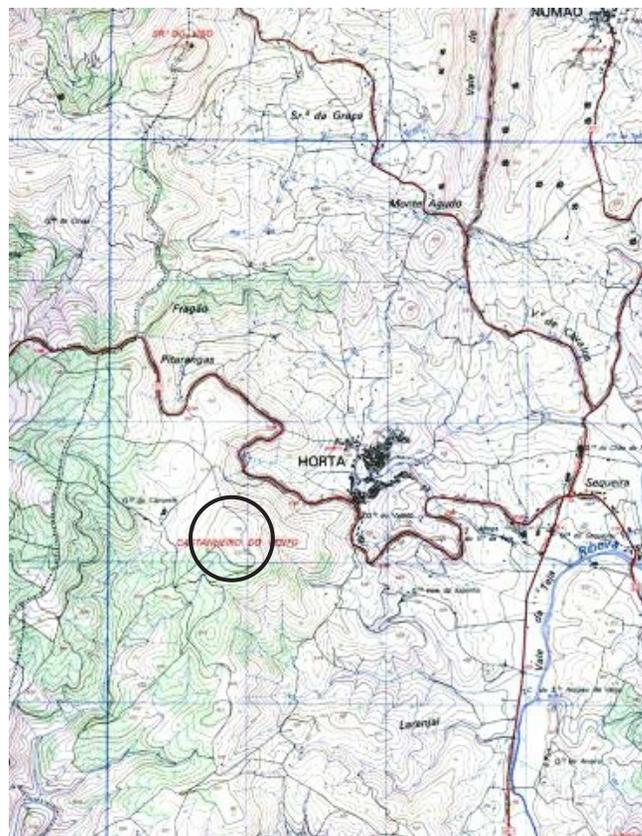
1. O Sítio.

Castanheiro do Vento localiza-se na freguesia de Horta do Douro, Concelho de Vila Nova de Foz Côa,

¹ Arqueólogos

² Américo Araújo, Cátia Simões, Maria Runkel Cardoso, Ana Sofia Ribeiro, Manuel Carvalho, Miguel Rodrigues, Joana Zuzarte, Fernando Mestre, Mariana Rodrigues, Sara Duarte, Magda Miguelis, Helena Vieira, Sara Duque, Inês Cardoso, Mauro Alves, Pietro Mack, Bruno Soares, Ricardo Arrimar, Ana Rita Ribeiro, Joana Flor, Gustavo Pedroso, Gonçalo Pedrosa, Ana Costa, Juliana Ferraz, Titus Viana, Jéssica Pereira, Daniela Silvestre, Maria Helena Gomes, Anna Miles, Josephine Robinson, Tomas Gerich, William Lewis, Carol Gurnham, Beth Ward, Jack Chaldecott e Shannon Mahoney.

Distrito da Guarda, no Nordeste de Portugal. Segundo a Carta Militar de Portugal, à escala 1:25000 (folha 140) e recorrendo a um ponto central da estação, apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 41°03'49" Lat. N. ; 07°19'18" Long. W. Gr. O sítio foi ainda classificado como Sítio de Interesse Público pela portaria 1050/2010, publicada em Diário da República, 2ª série de 13 de Dezembro de 2010.



Implantação de Castanheiro do Vento sobre CMP 149

2. Objectivos, estratégia e metodologia

Os trabalhos arqueológicos de 2018 tinham como objectivo geral continuar a intervenção arqueológica de 2017 com especial incidência na sequência construtiva do recinto e nas alterações constantes desse espaço, nos seus materiais de conformação e nas sequências estratigráficas e unidades contextuais. Este objectivo geral, enquanto estratégia de trabalho de campo, dividia-se num conjunto de objectivos mais específicos que pretendiam responder às situações diferenciadas que a escavação ia apresentando.

Desta forma, objectivou-se:

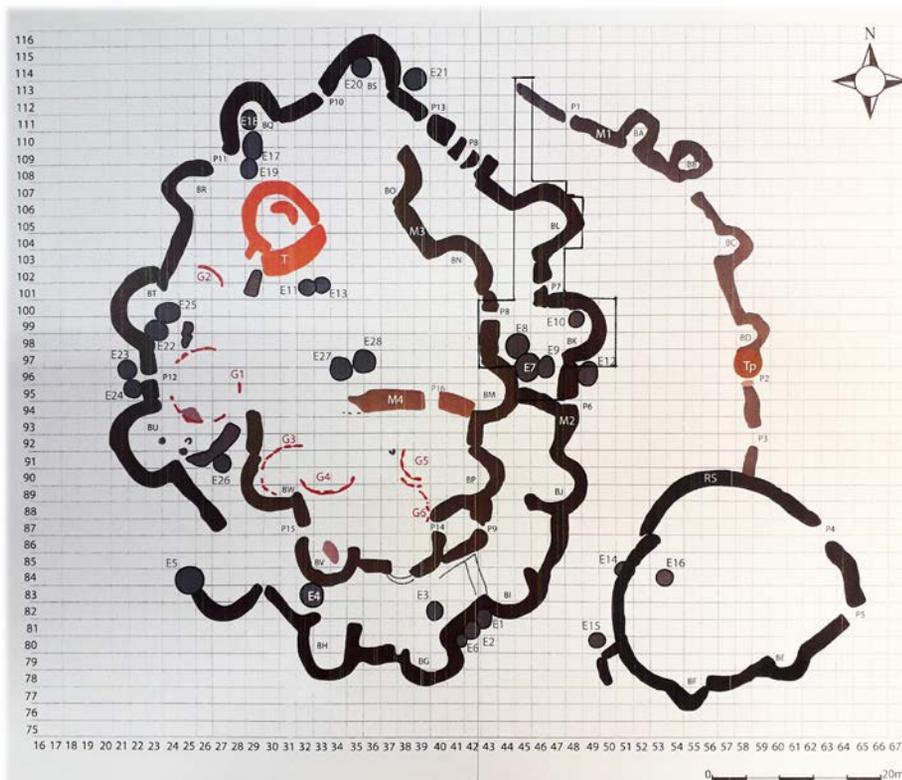
- Continuação da escavação da linha quadriculada 45, de orientação Sul/Norte entre o murete 1 e 2.
- Continuação da escavação do “Bastião” L. A complexidade contextual desta estrutura implicou um trabalho minucioso, tanto de escavação como de registo.
- Continuação da escavação entre o “Bastião” L (inserido no murete 2) e o murete 3, que nesta linha quadriculada 45 (de orientação Sul/Norte), encontra-se sensivelmente a meio do sítio arqueológico.
- Limpeza e decapagem de áreas adjacentes à referida linha quadriculada, especificamente no “Bastião” K, na passagem 8 e intersecção entre o murete 3 e o “Bastião” M. Esta opção relacionou-se á grande diversidade arquitectónica encontrada durante a campanha de 2017 e à necessidade de ter uma visão ampla dos diversos contextos que surgiram.

Estes objectivos implicaram uma estratégia de acção e uma metodologia de trabalho onde fosse importante:

- Compreender as relações estratigráficas e arquitectónicas das estruturas;

- Individualizar os vários contextos estratigráficos e caracterizar a sua componente artefactual;
- Proceder ao registo gráfico e fotográfico sistemático das estruturas e contextos;
- Sempre que necessário redesenhar estruturas já conhecidas;
- Corte da vegetação com foice roçadeira, mantendo como aceitáveis os níveis do coberto arbustivo;
- Monitorização do estado das estruturas anteriormente escavadas e sempre que necessário proceder à sua protecção;
- Lavagem, inventariação e correcta contentorização dos materiais arqueológicos nas reservas do núcleo de Pré-história da Casa Moutinho, pertencendo ao Museu da Casa Grande (instituição que faz parte da rede portuguesa de Museus);
- Como em anos anteriores, todos os materiais que necessitaram de conservação preventiva, foram imediatamente depositados no referido Museu, onde a técnica de conservação e restauro Dr.ª Sandra Naldinho a quem agradecemos, procedeu à sua conservação.

Como já referido e descrito pormenorizadamente em relatórios de anos anteriores relativos à execu-



ção deste PIPA, a escavação seguiu os princípios de estratigrafia e de registo preconizados por Barker (1978), tendo em consideração a natureza dos contextos identificados (ver Muralha et al 2018).

O sistema de quadriculagem manteve-se e afinou-se a sua utilização na escavação do “Bastião” L. Aqui a quadrícula foi dividida em quadrantes para um registo mais preciso, tanto do processo de escavação como do próprio registo da componente artefactual e compreensão contextual. O material osteológico foi na sua maioria posicionado tridimensionalmente, com indicação da inclinação e orientação; foi atribuída numeração individual para a maioria dos elementos faunísticos e foi feito o registo fotográfico de grande parte das ocorrências. Foram também recolhidas amostras de sedimento para futuras análises laboratoriais.

3. Descrição e interpretação dos trabalhos realizados

ÁREA ENTRE O TROÇO DO MURETE 1 E O “BASTIÃO” L (MURETE 2)

Os trabalhos realizados nesta área na campanha de 2017 (Muralha et al 2018) permitiram identificar um depósito argiloso de cor amarela que encostava aos Muretes 1 e 2. Neste depósito, para além de uma componente cerâmica onde sobressai a decoração penteada, registou-se também a presença de dois punhais de lingueta em cobre. Considerando esta componente artefactual, parece estarmos face a vestígios que documentam a ocupação desta área do recinto durante a 2.ª metade do 3.º milénio AC (ver Lopes & Bettencourt 2017 e Cruz 1992, a propósito da inserção cronológico-cultural dos elementos metálicos). Note-se que, em termos construtivos, há apenas a salientar um espinhado pétreo que encostava ao Murete 1, cuja base se embrincava com o nível pétreo horizontal localizado ao nível do topo do depósito que acabamos de descrever (Muralha et al *ibid.*).

Os trabalhos de escavação realizados na campanha anterior permitiram também delimitar em plano duas realidades distintas: junto ao Murete 1, desenvolvia-se um depósito argiloso que embalava pequenas lajes de xisto; esta inclusão de elementos pétreos perdia expressão em direção ao Murete 2, junto do qual o depósito se definia pela sua matriz argilosa e carac-

ter compacto (*ibid.*). A progressão dos trabalhos de escavação em 2018 permitiu verificar que estas duas realidades apresentam uma relação de anterioridade estratigráfica relativamente aos Muretes 1 e 2 (Bastião L). Com efeito, foi possível verificar que junto ao Murete 1, a ocorrência de pequenas lajes se articulava com um empedrado delimitado por grandes lajes de xisto, sugerindo estarmos face a uma pequena estrutura pétreo, cuja construção é anterior ao Murete 1. As grandes lajes de xisto, confinando o empedrado ao interior da eventual estrutura, encontravam-se inseridas num depósito argiloso de cor amarela muito compacto, que se estendia até ao Murete 2 (Bastião L), encostando à sua última fiada de pedras e desenvolvendo-se abaixo desta estrutura. Em termos construtivos, tal depósito apresentava pequenas estruturas: buracos de poste delimitados por pequenas lajes de



Fig. 1: Vista geral da área entre murete 1 e Bastião L, inserido no murete 2, no final dos trabalhos. É visível parte de uma grande estrutura e os buracos de poste

xisto colocadas na vertical; interfaces verticais de pequenas dimensões que apresentam um enchimento de cor preta (eventuais buracos de poste ou pequenas “fossas”); e concentrações de blocos de quartzo de planta irregular.

Considerando os resultados obtidos na zona entre o Murete 1 e o Murete 2, considerou-se necessário alargar a área de intervenção para a zona exterior ao Murete 1. Nesta área, que havia sido intervencionada entre 2001 e 2002 (Jorge et al 2002; 2003), procedeu-se à desmontagem das pedras do talude pétreo que se encontrava adossado ao Murete. As lajes que configuram tal estrutura encontravam-se inseridas num depósito argiloso de cor amarela. A escavação parcial deste depósito, permitiu verificar que o empedrado identificado do lado interior praticamente não se desenvolve para este lado do murete; tendo-se verificado apenas um pequeno lajeado que poderia estar em relação com tal construção. Note-se que se optou por não se proceder à desmontagem do segmento do Murete 1, pelo que a delimitação da eventual estrutura se encontra condicionada. Esta opção prende-se, em parte, com o facto de se estar numa zona do recinto em que existe uma interrupção do Murete 1 e na qual parece existir um átrio em associação com uma rampa que confere grande visibilidade a este lado do recinto (ibid.). Com efeito, na extremidade da área intervencionada (a cerca de 6 metros do Murete 1), foi identificada outra estrutura pétreo que estaria, possivelmente, relacionada com as soluções arquitetónicas que implicariam a construção do átrio e da rampa. A compreensão de tal realidade implicaria um alargamento da área de intervenção que não se coaduna com os atuais objetivos do projeto de escavação. Deste alargamento da intervenção para a área exterior ao recinto, resulta uma imagem de grande complexidade entre diferentes estratégias, e diferentes momentos, de organização e construção do lado NW do recinto.

As diferentes estratégias e diferentes momentos de construção deste lado NW do recinto ganham uma expressão mais vincada quando se considera a componente artefactual exumada nos níveis anteriores aos muretes. Com efeito, no que diz respeito à componente lítica, regista-se a presença de uma indústria em quartzo de boa qualidade, onde estão presentes lascas, raspadeiras e uma ponta de seta de base reta, que contrasta com o carácter incipiente da indústria dos níveis superiores, caracterizada, fundamentalmente, pela presença de percutores, frequentemente, em quartzo de filão e de produtos de talhe que remetem para estratégias expeditas de exploração da mesma matéria-prima. Do ponto de vista da componente cerâmica, ainda que haja uma continuidade e preponderância na presença de cerâmica com decoração penteada, os níveis abaixo dos muretes apresentam alguns fragmentos que se destacam desta realidade, referimo-nos à presença, por exemplo: de um fragmento de um recipiente esférico com colo, decorado com um fiada de triângulos incisos, preenchidos com puncionamento, junto ao bordo; e de um fragmento de um recipiente esférico, decorado com uma linha simples, junto ao bordo, seguida de bandas de folíolos em direção alternada; e de vários fragmentos decorados com punçamentos.

Nestes níveis abaixo dos muretes há, então, a salientar:

uma estratégia de ordenamento espacial sem recurso aos muretes delimitadores que caracterizam a estação durante o 3.º milénio AC;
a presença de uma indústria lítica mais diversificada e a ocorrência de decorações cerâmicas distintas da tradição da cerâmica penteada.

No que diz respeito à componente artefactual, designadamente a decoração cerâmica, há a destacar a presença de organizações decorativas que, cronolo-

Tabela 1

Referência	Data BP	1 Sigma	2 Sigma	Bibliografia
Ua-22456	4400±65	3263-3233 (4.4%) 3101-2914 (63.8%)	334-3212 (20.4%) 3191-3152 (4.7%) 3136-2900 (70.3%)	Lopes & Bettencourt 2017 Cardoso 2007 Vale 2011

gicamente, se enquadram entre os finais do 4.º e os inícios do 3.º milénio AC na Vinha da Soutilha (Jorge 1986: 295-296) e Buraco da Pala (Sanches 1997: 138-139). Note-se, porém, que não existe para estes contextos, identificados na campanha de 2018, datas absolutas que corroborem esta hipótese. Mesmo sem dados desta natureza para os níveis em discussão, se considerarmos a globalidade das datas disponíveis para o Castanheiro do Vento (Cardoso 2007: 100-105; Vale 2011: 32-35), há uma que é coincidente com o intervalo de tempo sugerido pelos materiais cerâmicos: a data obtida num carvão recolhido no depósito abaixo da linha basal no “Bastião” D (Tabela 1), ou seja, uma data proveniente de um depósito que, estratigraficamente, também se situa abaixo da linha de Murete 1.

Os resultados da escavação desta área durante as campanhas de 2017 e 2018 permite, então, considerar dois momentos de ocupação deste lado NW do topo da colina:

um primeiro momento, situado entre os finais do 4.º milénio e os inícios do 3.º milénio, documentado por vestígios que, estratigraficamente, são anteriores aos Murete 1 e 2, e que, aparentemente, se caracte-

terizam, em termos construtivos, pela presença de estruturas de pouca envergadura; e um segundo (longo) momento compreendido entre 2700 e 1700 AC, sugerido pelas restantes datações absolutas (Cardoso *ibid.*; Vale *ibid.*), e que se articulam com os diferentes elementos arquitetónicos que constituem o recinto, designadamente os Muretes 1 e 2 (Bastião L).

“BASTIÃO” L

Em 2018 prosseguiu-se a escavação da área interna do Bastião L (BL), com a intervenção da estrutura circular (EC) 30 e com a definição de um conjunto de pequenas estruturas que organizam o espaço interno do bastião. A escavação da EC30 revelou dois níveis de lajes de xisto dispostas na horizontal, sendo o último nível intervencionado caracterizado por lajes de maior dimensão dispostas de forma tendencialmente circular, perfazendo uma pequena estrutura lajeada, rodeada por um depósito com cascalho e sedimento de cor amarelo. O espaço interno do BL é ainda pontuado por sete buracos de poste e uma pequena fossa, delimitada e ladeada por pequenas lajes de xisto; o enchimento desta era constituído



Fig. 2: Bastião L. Mesma área de trabalho após escavação de unidade de registo constituída por lajetas e sedimentos acinzentados. Visível o aparecimento de uma grande estrutura circular



Fig. 3: Vista geral do Bastião L, tirada de Este, no final da campanha de escavação. De notar a Estrutura Circular 30 em primeiro plano, rodeada de buracos de poste

por sedimento de cor castanho amarelado claro (semelhante ao depósito onde foi aberta) e com raros materiais arqueológicos. A posição dos buracos de poste faz supor uma cobertura do BL, deixando espaço para se interpretar a EC30 como uma estrutura aberta, sem paredes ou cobertura, o que é reforçado pela própria organização interna da EC30.

No limite do espaço interno do BL (a oeste) foi identificado um conjunto de lajes fincadas (em cutelo) que parecem delinear uma grande estrutura circular (GEC7). O espaço interno desta estrutura apenas foi parcialmente escavado. Na possível área central desta estrutura escavou-se um contexto caracterizado por um sedimento de coloração irregular, apresentando manchas de cinzento claro e escuro, de grão

muito fino e pouco compacto, com a presença de muitos materiais arqueológicos, destacando-se: um objeto em osso (furador), espinhas de peixe em conexão anatómica e sementes carbonizadas. Este contexto aparentemente corta o depósito de sedimento amarelo, compacto e argiloso que se estende por todo o interior da GEC7 e poderá tratar-se de uma estrutura de combustão. Estes contextos, assim como parcialmente os limites da GEC7, encontravam-se cobertos por depósitos caracterizados por sedimentos de coloração castanho cinzento escuro, com muitas ocorrências de fauna em bom estado de conservação, fragmentos cerâmicos, líticos, barro de revestimento e carvões (e possivelmente algumas sementes). Estes depósitos poderão ter sido originados pela destruição da GEC7, que poderá ter ocorrido de forma intencional.



Fig. 4: Pequeno furador em osso, interior do Bastião L

ÁREA ENTRE O BASTIÃO L E O MURETE 3

Os trabalhos realizados nesta área iniciaram-se com uma limpeza geral das quadrículas intervencionadas em 2017 e áreas imediatamente adjacentes. Os trabalhos de escavação compreenderam:

a) A área compreendida entre o Bastião L (BL) e a passagem 7 (P7), possui um conjunto de características muito semelhantes aquelas encontradas



Fig. 5: Vista geral da estrutura circular 31 no final da sua escavação em 2019



Fig. 6: Aspecto geral da Estrutura circular 8 e murete 3. É visível no lado direito da fotografia o muro 7



Fig. 7: Aspecto geral da estrutura circular 8 no final da escavação

no interior do BL. O sedimento é de matriz areno-argilosa, pouco compacto e de cor acastanhada escura e os materiais arqueológicos recolhidos são igualmente idênticos; fauna em bom estado de conservação, fragmentos cerâmicos e algumas dezenas de objectos líticos. Junto ao troço de murete que une o referido bastião e a passagem 7, foram identificadas restos de estruturas muito destruídas, embaladas no mesmo sedimento do interior do BL. Este sedimento parece estar por cima de um outro de matriz predominantemente argilosa, amarelado e compacto que cobre a restante área até encontrar o muro 8. Este sedimento é macroscopicamente semelhante aquele onde a estrutura circular 30, no interior do Bastião L, assenta.

- b) Entre o muro 8 e as estruturas circulares 8 e 7, a área escavada foi ampliada para Este numa área de 12m². O sedimento tinha uma matriz predominantemente argilosa, compacta, com uma tonalidade amarela-alaranjada. Os materiais recolhidos são consistentes com a área Norte do sítio, onde sobressai a cerâmica penteada, percutores e produtos de talhe que remetem para estratégias expeditas de exploração da matéria prima local.
- c) De um ponto de vista estrutural, o muro 8 inflecte para Sul e parece terminar, ou junto à passagem 8, já no murete 3, ou junto à estrutura circular 8. O seu facetamento é constituído por grossos blocos de xisto-grauvaque e o seu interior preenchido por pedras de pequena e média dimensão. Os trabalhos de escavação irão em 2019 incidir nesta zona na tentativa de resolver esta situação. A escavação continuou para Sul, onde se identificou um adossamento ao murete 3, mas que não atinge a estrutura circular 8. A matriz sedimentar continua idêntica e parece ser a matriz onde assentam as estruturas circulares desta zona (Ec8, 7 e 9).
- d) Na última semana de trabalhos decidiu-se limpar e decapar o Bastião K, com o objectivo de perceber o seu alinhamento estrutural relativamente à passagem 7 e ao segmento do murete 2 entre aquele bastião e a passagem 6 (a Sul). Este bastião apresenta várias indefinições ao nível das paredes que

- o definem; junto à estrutura circular 10 no seu interior e igualmente no alinhamento que define a parede externa.
- e) Foi identificada uma nova estrutura, no interior do BK, junto à Ec10. esta estrutura ainda não foi nomeada pois encontra-se, ainda, deficientemente definida.
- f) Continuou-se e terminou-se a escavação do interior da estrutura circular 8, que no ano anterior tinha sido seccionada num eixo Norte/Sul. Esta intervenção revelou uma estratigrafia simples, com apenas três níveis internos; 1- Pequenas lajetas de xisto, dispostas horizontalmente e embaladas num sedimento de matriz argilosa, alaranjada e medianamente compacta; 2- Grandes lajes de xisto que circundavam as paredes internas da estrutura e 3- Sedimento argiloso amarelo pouco compacto com raras lajetas de xisto e também poucos materiais. Qualquer das estruturas circulares possui um sistema de contrafortagem composto por pedras fincadas a cerca de 45 graus, encostadas à sua linha basal. Os elementos de moagem, especialmente os dormentes são abundantes.
- g) No interior da estrutura circular 8, mas por debaixo do seu nível basal de construção, foi identificada e escavada uma estrutura em negativo.
- h) Entre o murete 3 e o muro 8, foram recolhidos várias centenas de materiais cerâmicos, material lítico e fauna em abundância, especificamente junto ao muro.
- i) As estruturas, sedimentos e materiais encontrados nesta pequena área, são de grande riqueza interpretativa. São visíveis alterações do espaço arquitectónico que dão uma dimensão temporal ao sítio:
- O murete 3 tem um adossamento entre o Bastião M e a passagem 8;
 - A sua relação com as estruturas circulares 8 e 7, ainda é desconhecida.
 - O muro 7, parece ocluir a passagem 8. Será necessário escavá-lo em toda a sua dimensão e perceber onde termina.
 - O Bastião K, sofreu um conjunto de alterações no seu design construtivo, embora pareça manter a sua estrutura construtiva original.
 - O interior do Bastião K, foi limpo e decapado, tendo-se feito o seu registo gráfico e fotográfico de forma a complementar os registos feitos em 2005.



Fig. 8: Aspecto geral dos trabalhos e da equipa

Bibliografia

CARDOSO, João C. M. (2007), *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) – um recinto monumental do IIIº e II milénios a.C.: problemática do sítio e das suas estruturas à escala regional*. Porto: Universidade do Porto (Tese de doutoramento – policopiada).

CRUZ, Domingos J. (1992), *A mamoa 1 de Chã de Carvalho, no contexto arqueológico da Serra da Aboboreira*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.

LOPES, Susana S., BETTENCOURT, Ana M. S. (2017), Para uma periodização da pré-história recente do Norte de Portugal: da segunda metade do 4º milénio aos finais do 3º milénio, in J. M. Arnaud e A. Martins (org.), *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 467-487.

JORGE, Susana O. (1986), *Povoados da Pré-história Recente (III. inícios do II. Milénios a. C.) da Região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.

JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2002), “Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro)”, *Côavisão, Cultura e Ciência*, 4, pp. 73-93.

JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003), “Campanha de escavações arqueológicas no ano de 2002 no sítio do Castanheiro do Vento Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa”, *Côavisão, Cultura e Ciência*, 5, pp. 99-131.

MURALHA, João, VALE, Ana, GOMES, Sérgio, JORGE, Vítor Oliveira (2018), “Intervenção arqueológica em Castanheiro do Vento: Campanha de 2017”, *Coavisão, Cultura e Ciência*, 19, pp. 73-85.

SANCHES, Maria de Jesus (1997), *A Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. (O abrigo do Buraco da Pala no Contexto Regional)*, 2 vols. Porto: SPAE.

VALE, Ana M. A. (2011), *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma Colina Monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*, Porto: Universidade do Porto (Tese de doutoramento).